

## A FICÇÃO DA PÁTRIA EM ALMADA NEGREIROS

### Do distanciamento crítico-constmtivo à sibílina e distanciada efabulação \*

O «performer» assumido e mitoclasta Almada, o histriónico desencadeador de «uma guerra sem tréguas contra putrefactos e botas de elástico» \ constitui uma singular personagem polifórmica relativamente pouco estudada nos quadrantes da nossa cena modernista.

A sua actuação artística foi evoluindo progressivamente de uma incipiente, mas eufórica exteorização do teor espectacular, para uma reflexão, seguida de uma especulação que, no final da sua obra, abarcam, em prodigiosa síntese dialéctica, a totalidade da sua produção, subsumível, afinal, no «Começar», plena «alegria da totalidade»<sup>2</sup>.

A actividade de conferencista que caracteriza a «performance» do Almada da maturidade<sup>3</sup>, já que a da sua juventude de forma cabal se assumia como «happening», conforme a uma estética vanguardista em sentido genérico, testemunha, de forma ímpar, pela exemplaridade de que se reveste, uma perícia no tocante ao domínio de um auditório. Perito na comunicação, grande marca de continuidade na sua obra, Almada, «verdadeiro mago da arte de dizer»<sup>4</sup>, surge, então, como personalidade artística primordialmente teatral. Pela «dramaturgia da palavra» que pratica, pela concepção do dizer enquanto acto e acção, se posiciona como herdeiro directo de uma Retórica (na acepção que Barthes lhe dá), arcaica apenas por primeira. Talvez por isso, essa outra personagem do nosso Modernismo tanto lhe tenha agradecido pelo simples facto de ele existir. Pessoa, a figura que se consome na exacerbada consciência dramática, nunca atinge o foro do teatral propriamente dito, funcionando, então, numa

---

\* Reflexões (em «reescrita») norteadas pela temática «A Busca do que Somos /Na Lembrança do que Fomos», que orienta o Mestrado em Literatura Comparada Contemporânea (de Garrett a Pessoa) da Universidade Nova de Lisboa e cuja orientação genérica se procurou respeitar.

<sup>1</sup> NEGREIROS, José de Almada — *Obras Completas*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 137.

<sup>2</sup> FERREIRA, David Mourão — *Os Desenhos de Almada*, in «Catálogo da Exposição de Almada», Lisboa, Galeria S. Mamede, 1978.

<sup>3</sup> Esta fase é detectável a partir do regresso de Almada a Portugal, vindo de Paris, em 1920.

<sup>4</sup> GUSMÃO, Artur Nobre de — *O Meu Convívio com Almada*, in «Almada», Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985, p. 44.

situação de contraponto face àquele, cuja genialidade se manifestava «em não se manifestar»<sup>5</sup>.

Dessa actuação se desprende, fragmentariamente, toda uma vertente reflexiva, surgida nos discursos, de forma incisiva e parcelar, a qual não se pode, com rigor, classificar como ensaística, já que o seu pensar é de ordem sincrética, radicado numa fulgurante intuição, esquivo a uma razão entendida numa acepção tradicional. Aliás, a figura do «sem Mestre», do voluntário autodidacta, a quem a originalidade apenas seduzia enquanto «Viagem Universal», conducente a si mesmo, proclama: «em arte, a única maneira de cumprir regras, é ser independente»<sup>6</sup>.

Almada, mediante um percurso filosófico, no seu sentido primeiro, inquiridor face à realidade concebida como grande espectáculo (o que se vê, «theatron» afinal) que é o mundo, a acção (drama), o indivíduo, verdadeiro «autor da Realidade terrena»<sup>7</sup>, enfim, medida de todas as coisas, acede, portanto, ao acto-estado de «Ver», «conjugação perfeita dos cinco sentidos»<sup>8</sup>.

Assim, caminhar é, à semelhança da poética formulação de António Machado, construir o próprio caminho, avançar a recuar nas bifurcações do labirinto, guiado apenas por um saber da ordem do quase sensorial, que permite atingir a perenidade ôntica.

O modernólatra empenhado na «consciência exacta da actualidade»<sup>9</sup>, constata, em entrevista à *Revista Portuguesa*, que o passado «está fatalmente em nós», não como anulação da vivência presente, mas antes germen do futuro, ponto convergente de todos os tempos. Desta forma se recusa a história enquanto lastro castrador da vivência coetânea, típica e tópica do Futurismo, atingindo-se, então, o pólo do mítico; da negatividade feita ausência, autêntica impossibilidade do viver, se vislumbra uma redentora forma de vida colectivamente assumida.

O poliapto «Narciso do Egipto» e do (seu) Ódio, figura suspensa e prisioneira do seu contemplativo olhar, símbolo da fascinação pela e da Imagem, liberta-se das invisíveis barreiras do seu emparedamento cristalino, mediante a prática pansemiótica de uma Poesia-Criação, entendida como origem e finalidade das várias artes. Assim, Narciso, pela sua funcionalidade, se revela como um Proteu, que não é senão jogo das múltiplas máscaras do solar, preclaro, luminoso Apoio Musageta: «a Arte era a solução»<sup>10</sup>. Deste modo, Almada teoriza o «Reaver a Inocência», a conquista da Ingenuidade, o abandono a si mesmo, cuja meta radica no âmago do ser, na assunção da liberdade.

Desemboca-se, portanto, de novo, na Poesia que «conhece e não sabe»<sup>13</sup>-, na medida em que «o conhecimento vive cara a cara com o mistério»<sup>12</sup>. Aquele

<sup>5</sup> PESSOA, Fernando — *As Caricaturas de Almada Negreiros*, in «Águia», Vol. III, 2.ª série, Porto, p. 13.

<sup>6</sup> NEGREIROS, José de Almada — *Obras Completas*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 63.

<sup>7</sup> *Idem, ibidem*, Vol. IV, Lisboa, Estampa, 1971, p. 10.

<sup>8</sup> *Idem, Ver*, Lisboa, Arcádia, 1982, p. 197.

<sup>9</sup> *Idem — Obras Completas*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 38.

<sup>10</sup> *Idem — in Orpheu*, Lisboa, Ática, 1965, p. 3.

<sup>11</sup> *Idem — Obras Completas*, vol. IV, Lisboa, Estampa, 1971, p. 13.

<sup>12</sup> *Idem, ibidem*, Vol. IV, Lisboa, Estampa, 1971, p. 13.

implica uma forma de vivência extática, uma participação plena no cosmos. Por isso, «Poesia, a Bela, tem um filho único, chama-se Homem»<sup>13</sup>. A procura do «eu», a sua construção, marca nuclear na produção artística de Almada, institui-se necessariamente em relação a uma colectividade, revestindo-se a dita relação de um cariz complexo, mesclado de recusa e aceitação. O eclético «poeta d'Orpheu, Futurista e Tudo»<sup>14</sup>, exclama «se não for por arte, não serei modo»<sup>15</sup>, mas também «a Arte não vive sem a Pátria do artista, aprendi isto para sempre no estrangeiro»<sup>16</sup>.

Assim, Almada não foge a essa marca característica da camada pensante portuguesa, que radica numa recusa acompanhada de uma obsessiva busca da essência da nacionalidade, isto é, na procura de uma identidade cultural. Então se posiciona o mistério do ser português enquanto constatação e acto de volição: «Eu sou uma poeta português que ama a sua pátria»<sup>17</sup>, «Eu sou português e quero, portanto, que Portugal seja a minha Pátria»<sup>18</sup>.

A acusação nasce do «horror» de «deduzir experimentalmente que, de todas as nossas Conquistas e Descobertas, apenas tenha sobrevivido a imbecilidade»<sup>19</sup>, denunciando, portanto, a inexistência efectiva de uma vida portuguesa, tal como Pessoa a formulou, esse «viver que é impossível em Portugal»<sup>20</sup> por Almada afirmado. O estado de espírito dos intelectuais da época exprime a revolta face a esse estado letárgico e letal, que define a colectividade é a pátria, ausentes e decaídas, «encobertas» por um «nevoeiro» que, em vão, o Mostrengo procura romper para «Chamar Aquelle que está dormindo/E foi outrora Senhor do Mar»<sup>21</sup>. Essa bruma, «fulgor baço da terra»<sup>22</sup>, «essa luz que de Alcácer-Quibir há tanto se derrama»<sup>23</sup>, fazem do «Portugal a dormir desde Camões»<sup>24</sup>, objecto supremo de tratamento literário. O texto camoniano patenteia claramente essa consciência da queda, «apagada e vil tristeza», bem como a esperança e o apelo para que se reacenda a gesta definidora da perenidade da nação, que, a todo o custo, urge reactualizar, regenerando a pátria, a partir do que ela tem de autêntico e genuíno: as «obras valerosas» dos «barões assinalados».

Assim se inaugura um ciclo na nossa literatura e cultura que, de forma genérica se pode conceber como uma tentativa de interpretação e interrogação da nossa História, fundadora e reveladora da nossa razão de ser, individual e colectiva. A oferta de préstimos ao rei, formulado no nosso poema eponímico,

<sup>13</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 231.

<sup>14</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 9.

<sup>15</sup> *Idem*, citado por FRANÇA, José Augusto — «Almada, o Português sem Mestre», Lisboa, Estúdio Cór, 1974.

<sup>16</sup> *Idem — Obras Completas*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 64.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 31.

<sup>18</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 31.

<sup>19</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 21.

<sup>20</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 57.

<sup>21</sup> PESSOA, Fernando — «Antemanhã», *Mensagem*, in «Obra Poética», Vol. I, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. 23.

<sup>22</sup> *Idem, ibidem*, Vol. I, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. 23.

<sup>23</sup> FÁRIA, Guilherme de — Citado por Almada Negreiros, in *Obras Completas*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, Vol. VI, p. 67.

<sup>24</sup> NEGREIROS, José de Almada — *Ob. cit.*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 36.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

é articulável com essa recusa da inexistência presente, da passividade, afirmada por Almada da seguinte forma acusatória: «sinto a força para não ter, como vós, a cobardia de deixar apodrecer a pátria»<sup>25</sup>.

A nossa contemporaneidade, do Romantismo aos actuais dias, constata e combate essa apatia, decadência inegável da colectividade, essa «recusa da História», na formulação de Oliveira Martins, geradora de uma apetência mórbida de um milagre, de um abdicar da acção, compensada por um mórbido cismar, de cujo suporte são os ouropéis de um já e, para sempre, passado.

A pátria e a nação são, então, entendidas como formas vazias, suspensas. Os portugueses estão «interrompidos», no dizer de Pessoa e, no de Almada, condenados a uma «mesma não-identidade»<sup>26</sup>, reduzidos a viver em pleno absurdo e infinito suplício de Tântalo, porque exilados no próprio país, «desterrados» na própria pátria, «vencidos da vida» pelos condicionalismos que impedem toda e qualquer acção colectiva, efectiva. Eis a «tragédia da unidade», dissolução do indivíduo na colectividade, de que fala Almada, paradigmaticamente consumada no suicídio de alguns dos membros da geração de 70, único acto possível, protesto contra a sociedade, «contra a sua incompetência diante dos seus indivíduos»<sup>27</sup>: «A colectividade não soube ir ao seu encontro (...) como eles souberam ir ao encontro da colectividade»<sup>28</sup>.

Por isso, no texto «Luís, o poeta, salva a nado o poema» se formula:

«É fado nosso É  
nacional Não há  
portugueses Há  
Portugal»<sup>29</sup>.

Também «a voz de Portugal»<sup>30</sup> Fernando Pessoa, e o «sonho dos portugueses/Só sonhado»<sup>31</sup>, por ele ficaram, como o próprio Portugal e todos os portugueses, «para depois»<sup>32</sup>.

Essa imagética do enclausurar no tempo, fruto de uma perda irremediável, da catástrofe simbolizada em Alcácer-Quibir, instaura um estado de vivência acrónica, genuíno potencial, puro desejo emblematicamente figurado por esse ente de afastamento, que, ansiosamente fora apelidado de «Desejado» e, para sempre, enquanto tal, se cristalizou. O «Encoberto» que se espera não é senão aquilo que D. Sebastião miticamente encarna: «Portugal em ser»<sup>33</sup>.

---

<sup>25</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 31.

<sup>26</sup> *Idem — Orpheu*, Lisboa, Ática, 1965, p. 3.

<sup>27</sup> *Idem — Obra Completas*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 128.

<sup>28</sup> *Idem, ibidem*, Vol. Lisboa, Estampa, 1972, p. 128.

<sup>29</sup> *Idem — Obras Completas*, Vol. IV, Lisboa, Estampa, 1971, p. 191.

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, Vol. IV, Lisboa, Estampa, 1971, p. 229.

<sup>31</sup> *Idem, ibidem*, Vol. IV, Lisboa, Estampa, 1971, p. 229.

<sup>32</sup> *Idem, ibidem*, Vol. IV, Lisboa, Estampa, 1971, p. 229.

<sup>33</sup> PESSOA, Fernando — *Nun'Álvares Pereira*, *Mensagem*, in «Obra Poética», Vol. I, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. 10.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

Deste modo, progressivamente se textualiza, glosando-a, a perene busca do intrínseco, figurada como regresso aos primórdios, retorno ao gérmen convertido em paradigma da nossa modernidade, da nossa vida contemporânea: «Portugal perdeu o seu lugar no tempo e no espaço»<sup>34</sup>. Assim se constrói um projecto, autêntico ideal de Regeneração: «Vamos viver de novo Portugal»<sup>35</sup>.

A lembrança sensorial e anímica do passado, verdadeira anamnese, nos pesa e nos impele, anulando, ultrapassando o vazio do presente. O postular de um regresso, norteado por uma memória selectiva, às origens, às tradições anteriores à catástrofe, implica, de per si, o acesso à aventura do porvir, do «cumprir-se Portugal»<sup>36</sup>; o ressurgimento é produto dessa espécie de exorcismo catártico, purificador de todos os estigmas que corroem o presente. Essa procura de um tempo civilizacional e cultural perdido é encarada como um gesto redentor, corporizado por um cantar de gesta, quase ritual, tendente a, mediante a autognose, encontrar a força imprescindível à acção propiciada pelo invocar e evocar do exemplo dos heróis, antigos, primeiros. A Literatura (re-)converte-se, então, em entidade encantatória, funcionando como um grande mito de regeneração; Phénix renascida, ad aeternum renascente.

Desta forma, se convoca o mito, forma perene de resistência, porque modelar, universal portanto, geradora de arquétipos eternamente disponíveis a novas actualizações, novos preenchimentos. A sua circularidade infinita resolve, no plano do simbólico, a impossível conciliação dos opostos no real. Pela força do simbólico, da representação, da ficção, o homem se torna, de facto, cosmocrator, na medida em que é hierofante. O próprio acto de invocar um portentoso passado triunfal é apelo a um regresso em todo o esplendor da sua glória.

Pensar Portugal e os portugueses no seu enigmático porquê transforma-se numa prática verdadeiramente fantasmal quer pelo incessante retorno que a afecta quer pela encenação do desejo, de esfumados contornos, mas talvez, por isso mesmo, não menos magnetizantes, que a compõem. Esta auto-reflexão poética institui-se como constante e urgente apelo a uma pragmática sempre adiada, erigindo-se como única acção possível, concreta.

Almada produz um discurso nacionalista, eclético e «sui generis», curiosa mescla de todas estas características, fundindo-as e propondo uma inovação do ideário difuso finissecular. Portugal deveria, então, renascer enquanto nação europeia, na medida em que «...parou em Camões e começa no século XX, As gerações modernas acordam as heroínas dos altos plintos intactos da batalha e reedificam as aristocráticas ruínas do Casmo. As quinas encimam de novo a entrada para a Europa»<sup>37</sup>.

Uma crítica violenta e exacerbada relativamente à decadência, gera a recusa, em virtude da impossibilidade da integração de um «eu», «apoteose

---

<sup>34</sup> BRAGANÇA, Afonso de — *Carta a um Esteta*, in «Contemporânea», Lisboa, Edição facsimilada, Contesto Editora, 1984.

<sup>35</sup> *Idem, ibidem*, Lisboa, Edição facsimilada, Contesto Editora, 1984.

<sup>36</sup> PESSOA, Fernando — «O Infante», *Mensagem*, in «Obra Poética», Vol. I, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. 12.

<sup>37</sup> José de Almada Negreiros, citado por BARREIRA, Cecília — *Nacionalismo e Modernismo*, Lisboa, Assírio e alvim, 1981, p. 74.

de um homem completo»<sup>38</sup>, no colectivo. Arquitecta-se, portanto, um projecto de cunho profético, englobando Portugal e os portugueses, constitutivos de uma utópica nação e de uma pátria, «único ideal concreto»<sup>39</sup>, em suma, a «maior ambição do homem»<sup>40</sup>, porque obra de uma «geração construtiva»<sup>41</sup>. Consequentemente, uma caracterização hiperbolicamente caricatural da sociedade portuguesa corporiza, de forma nítida, a oposição decadência-renascença, articulável com a dimensão social e a individual, culminando a seriação de invectivas no imperativo «Põe-te a nascer outra vez!»<sup>42</sup>.

Situação semelhante apresenta o «Manifesto Anti-Dantas». «Morra o Dantas! Morra Pim!»<sup>43</sup> institui-se como «permormance», execução simbólica da mediocridade, justamente porque «O Dantas é a vergonha da intelectualidade portuguesa», responsável em absoluto pela degenerescência, «É tudo, tudo por causa do Dantas»!, emblema de uma geração passadista que urge eliminar, «Uma geração que consente em fazer representar-se pelo Dantas, é uma geração que nunca o foi! (...) Abaixo a geração!...». Mas, «Portugal inteiro há-de abrir os olhos um dia (...) e então gritará comigo, a meu lado, a necessidade que Portugal tem de ser qualquer coisa de aseado». Tornar-se-á então Pátria, na verdadeira acepção da palavra, integração dinâmica do indivíduo e do colectivo; Unidade. Só então aquela será, de facto, Nação, o passado instaurará uma autêntica História e o futuro se converterá em Destino.

No «Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX»<sup>44</sup> encontraremos, de novo, o mesmo tipo de posicionamento, em que a afirmação da personalidade, núcleo estruturante da primeira parte do texto, redonda num retrato acusatório da sociedade: «Portugal é um país de fracos, Portugal é um país decadente», porque «a indiferença absorveu o patriotismo» e «a saudade, sentimento-síntese do povo português é uma nostalgia mórbida dos temperamentos esgotados e doentes», em suma, pela total «impotência de criação» imperante. Tal estado de coisas reclama o instaurar das «aptidões para o heroísmo moderno (...) o heroísmo no quotidiano», bem como a destruição «deste nosso atavismo alcoólico e sebastianista de beira-mar»; em conclusão «É preciso criar a Pátria Portuguesa do Século XX! (...) inteiramente portuguesa e inteiramente actual». Para isso, é necessário cantar não a «tradição histórica», mas a «tradição pátria», «uma única desde Ourique a Alcácer--Quibir»<sup>45</sup>.

Assim se constata, se apela:

«Há, portanto, que retomar a Grande Viagem interrompida, detida ou deturpada na sua determinação original, há que refazer um povo de sábios,

<sup>38</sup> *Idem* — *Obras Completas*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 31.

<sup>39</sup> *Idem* — Citado por JUDICE, Nuno — *Poesia Futurista Portuguesa*, Lisboa, Regra do Jogo, 1981, p. 10.

<sup>40</sup> *Idem* — *Obras Completas*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 31.

<sup>41</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 31.

<sup>42</sup> *Idem, ibidem*, Vol. IV, Lisboa, Estampa, 1972, p. 38.

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 11.

<sup>44</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 31.

<sup>45</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 54.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

de santos e de heróis, há que reconstruir o ímpeto genesíaco que, da ideia para o acto, dê corpo à gesta»<sup>46</sup>, como António Quadros formulou recentemente.

O genérico da produção de Almada posterior a 1919 será, de facto, um longo e intermitente cantar ficcional, onde o mítico e o lendário se fundem como o poético, cujo primeiro exemplo constitui obviamente a «Histoire du Portugal par Coeur», texto produto de uma experiência de afastamento, de exílio voluntário.

Verifica-se, então, e como posteriormente, que «lá de fora Portugal é claríssimo, não existem confusões possíveis»<sup>47</sup>. Este poema marca a eclosão de uma maturidade, sob a forma da Ingenuidade, motivada pelo reencontro de um «eu» que, como português, memoriosa e afectivamente se passa a afirmar. Dono de uma certeza, vinda da consciência plena das insondáveis, mas irrefutáveis motivações do coração, na qual a Pátria é o local edénico, englobante da plenitude de uma comunhão total da unidade conquistada, inventada, redescoberta.

Trata-se, portanto, de uma História subjectivamente contada, uma con-fabulação instituindo Portugal como nação fabulosa, marcada, desde a origem, por uma intervenção divina (milagre de Ourique), autêntica erupção do sagrado que é força genesíaca, continuada por um longo querer humano, sucessão de actos de vontade, tal como a concebe Oliveira Martins, cuja obra constitui um dos hipotextos da «Histoire...».

Esta interpretação da História subsume-se, então, numa pedagogia do ser português, concebida como o culto de uma pátria e de uma cultura, enquanto tradição, harmonia triunfante e triunfal do individual e do colectivo: «1 + 1 = 1». Esse encontro eufórico com a unidade está patente no texto, nas sequências finais das duas grandes áreas textuais, configurado, na primeira, como casamento, e, na segunda, como convergência, na «geração dos portugueses de hoje»<sup>48</sup>, nos contemporâneos, a quem cumpre realizar o projecto de glória, de virtude e de grandeza de Alcácer-Quibir.

Momento traumático, catástrofe gera um recalçamento: «perdemos, de repente, a dianteira do mundo, nós ficamos despistados para sempre»<sup>49</sup>. Uma vez que «Portugal não está no presente nem está no passado (...) existe, de facto, apenas, na tradição das nossas primeiras dinastias»<sup>50</sup>; consequentemente, «a ideia de nação ficou realmente lá». Tal como para Oliveira Martins, a História de Portugal termina no último lance da política africana. A Nação é, pois, um organismo em estado cataléptico, que é necessário reavivar, tarefa a cumprir pela nova geração que se proclama «contra azuis e encarnados»<sup>51</sup>, unanimidade instauradora dessa união entre indivíduo e sociedade que fez

---

<sup>46</sup> QUADROS, António — *Portugal Razão e Mistéria*, Lisboa, Guimarães Editores, 1986, p. 37.

<sup>47</sup> NEGREIROS, José de Almada, in «Diário de Lisboa», 7/6, 1932.

<sup>48</sup> *Idem* — *Obras Completas*, Vol. IV, Lisboa, Estampa, 1970, p. 105.

<sup>49</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 54.

<sup>50</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 56.

<sup>51</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 69.

«da primeira e segunda dinastia modelo exemplar de formação e funcionamento da colectividade»<sup>52</sup>.

Estas reflexões dão corpo a uma lúcida história mais «profunda» que a científica, elaborada por «historiadores» que se ocupam dos de «melhor memória (...) que chegaram primeiro»<sup>53</sup>, dos heróis. Por isso, mediante o seu mítico olhar, «Alcácer-Quibir é a honra, o gesto final de uma dinastia inteira, em todos os seus feitos e nos quais não pretendeu senão dar às gerações futuras o exemplo formidável da vontade unânime de uma nação»<sup>54</sup>: a «grande vitória».

Então, a saudade deixa de ser marca de degenerescência da raça, para se converter em núcleo dinâmico constituído por 50 % de recordação do passado e 50 % de fé no futuro, expressão da unidade, de voluntarismo numa trans-história.

O próprio sebastianismo, objecto de crítica enquanto pretexto para um passadismo e um imobilismo: os sebastianistas deveriam, segundo Almada, por coerência, vestir-se como no retrato de D. Sebastião, é, ao mesmo tempo, por esta grande operação de reconversão de valores, exemplo de persistência: em Portugal «os mais persistentes (...) foram os sebastianistas»<sup>55</sup>.

D. Sebastião é um herói moderno, tal como os nossos antepassados dos Descobrimientos foram «os Mordernistas da expensão europeia»<sup>56</sup>, pela instauração que levaram a cabo do heroísmo no quotidiano, pelo patriotismo:

«D. Sebastião não disse tal: Esperem por mim que eu hei-de voltar um dia. O que el-Rei nos disse a todos, e para que o ouvíssemos de uma só vez foi: — Rapazes! Façam como eu! Eu sou o Rei, eu dou o exemplo, dou a Vida pela nossa Pátria!»<sup>57</sup>.

Assim, o Poeta por autonomasia, «português/de Portugal»<sup>58</sup>, luta com o mar pelo Livro, clamando:

«Depois de pronto  
Faltava dar A minha  
vida Para o salvar.»  
59

Almada constrói, através da sua obra, uma autêntica ficção da Pátria, da ordem do mítico-poético. Um Portugal heróico, mas moderno, implicando uma sociedade nova, novos valores, que, justamente por isso, se vai, cada vez mais, afastando do país real e do povo concreto, tornando-se, então, nó efabular de uma pura utopia, de teor humanitário e unanímista: «Direcção Única»<sup>60</sup>, de todos e de cada um.

<sup>52</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 98.

<sup>53</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 124.

<sup>54</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 54.

<sup>55</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 55.

<sup>56</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 53.

<sup>57</sup> *Idem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 55.

<sup>58</sup> *Idem, ibidem*, Vol. IV, Lisboa, Estampa, 1972, p. 189.

<sup>59</sup> *Idem, ibidem*, Vol. IV, Lisboa, Estampa, 1971, p. 192.

<sup>w</sup> *Jdem, ibidem*, Vol. VI, Lisboa, Estampa, 1972, p. 75.



## NOTAS E COMENTÁRIOS

Sibilinamente se vai conjecturando, construindo uma modalidade de ser e concomitantemente de se afirmar português, irreduzível a toda a sistematização estritamente racional. Adquire Portugal um destino, uma missão civilizacional nuclear, portadora dos tesouros de uma Europa essencialmente helénica, mediterrânica, que lhe subjaz, porque constitui a sua mais antiga nação. Reflectindo sobre a nossa cultura, que Almada define como sendo essencialmente «visual», por ele redutível a Fernão Lopes, ao autor dos Painéis, a Pedro Nunes e a Camões, se entrecem, pela leitura, os fios entrelaçados da tradição, se vê a unidade na variedade. Se questionam os labirintos de Cronos, porque, como no *Prometeu* de Esquilo, símbolo emblemático do humano na sua universalidade, na sua individualidade, e do europeu, segundo a concepção de Almada, se constata: «Nada há que o tempo não ensine».

Esse constante avançar pelas bifurcações enigmáticas do tempo, que constitui o núcleo de toda a pedagógica actuação artística de Almada, compõe um grande e perene olhar para o passado, para as suas virtudes e virtualidades, «situando» Portugal na Europa, com os olhos postos em Homero, que «é nos antigos a fonte de onde tudo saiu»<sup>m</sup>, e cuja personalidade declarava euforicamente ter descoberto.

O seu incessante «tornar-se pessoa», conquista de um «eu» português, faz-se arauto de um destino ocidental, onde radicam as nossas raízes civilizacionais. O exemplo dos jornais manuscritos, «República», «Pátria», «Mundo», produzidos durante a adolescência, mostra que, para Almada, a criação da Pátria é uma metamorfose do criar-se a si mesmo. A sua obra polifórmica é, então, uma grande narrar mítico-poético da condição do ser português, entendida como receptáculo privilegiado, se bem que críptico, de forças anímicas que, uma vez activadas, serão capazes de regenerar a Pátria, o Indivíduo, a própria Humanidade, relação actuante em eterno unísono.

*Celina Silva*

---

<sup>ei</sup> Delacroix, citado por Almada num auto-retrato.